



Ano II, Volume II, Numero I
Janeiro – Junho de 2011

ANÁLISE DE ESTRATÉGIAS EM PREVENÇÃO AO USO INDEVIDO DE DROGAS ENTRE ESTUDANTES DE UMA ESCOLA MUNICIPAL EM CAMPINA GRANDE (PB).

Saulo Rios Mariz¹, Larissa Cristiane De Oliveira Souza², Cyneraylly Lêba Saraiva Bessa², Filipe Henrique Alves da Costa², Dynara Mabel de Queiroz Pinheiro², Natália de Aguiar Brasileiro².

RESUMO

O uso indevido de drogas tem sido enfrentado por políticas públicas que priorizam a repressão ao tráfico em detrimento da prevenção desse comportamento, geralmente, iniciado na adolescência. Assim, a Escola, na sua missão libertária de educar para a vida, constitui-se como um ambiente ideal para a execução de ações preventivas. Este trabalho apresenta uma análise preliminar das ações de um projeto desenvolvido na Escola Municipal "Padre Antonino" (EMPA), no bairro de Bodocongó (Campina Grande), que objetiva implantar um programa permanente de prevenção ao uso indevido de drogas entre os estudantes do ensino fundamental. Discute-se os resultados os resultados da capacitação de professores voluntários, primeira etapa do projeto, bem como as percepções sobre o impacto de uma atividade realizada com os alunos do ensino fundamental que resultou na construção coletiva de um mural com recortes de notícias da mídia impressa sobre drogas. As análises preliminares apontam para a viabilidade das estratégias adotadas e nos informam que grande parte dos adolescentes encontra-se em situação de risco para o uso indevido de drogas e que os alunos se preocupam principalmente com os efeitos prejudiciais de álcool e tabaco.

Palavras-chave: Drogas; Prevenção; Escola.

ANALYSIS OF PREVENTION STRATEGIES IN THE DRUG ABUSE AMONG STUDENTS FROM A MUNICIPAL SCHOOL IN CAMPINA GRANDE (PB).

ABSTRACT

Drug abuse has been addressed by public policies that prioritize the combating of trafficking at the expense of preventing this behavior that usually starts in adolescence. Thus, the school in its mission to educate for life, presents itself as an ideal environment for implementing preventive actions. This paper presents a preliminary analysis of the actions of a project that was developed at the Municipal School "Padre Antonino (EMPA) in the neighborhood of Bodocongó (Campina Grande, PB) and aims at establishing a program for preventing drug abuse among students of Elementary School. This paper discusses the results of the training of volunteer teachers, the first phase of the project, as well as perceptions about the impact of an activity carried out with the elementary students that resulted in the collective construction of a mural with news clippings of the printed media about drugs. The preliminary analysis indicates the feasibility of the strategies adopted and tells us that most adolescents are at risk for drug abuse and are concerned mainly with the harmful effects of alcohol and tobacco.

Keywords: Drug-abuse, Prevention, Elementary Education.

1. Doutor em Farmacologia (UFPB). Docente em Farmacologia e Toxicologia. Unidade Acadêmica de Ciências da Saúde. Centro de Ciências Biológicas e da Saúde. Universidade Federal de Campina Grande (UACS-CCBS-UFCG).

2. Graduandos em Medicina. CCBS-UFCG.

Correspondência:
Rua Capitão João Alves de Lira, 447/402, Prata, Campina Grande-PB, CEP 58400-560.

Email: sjmariz22@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O uso de substâncias químicas biologicamente ativas e capazes de alterar as mais diversas funções da mente, chamadas de substâncias psicotrópicas, psicoativas ou, ainda, genericamente conhecidas como drogas, existe há muito tempo na humanidade. Registros relatam que, por volta de 4.000 anos antes de Cristo, os sumerianos consideravam a papoula como a “planta da alegria”. O uso de drogas geralmente encontrava-se relacionado ao contato com o sobrenatural, cura de enfermidades e tentativa de suicídio e/ou homicídio. Atualmente, os problemas relacionados ao uso de drogas nos parecem potencializados em decorrência do avanço científico e tecnológico experimentado ao longo dos anos pela humanidade. Como consequência de tal processo, diversos produtos psicoativos (lícitos ou não) foram sendo disponibilizados ao homem que, na sua eterna busca do melhor viver, ainda os utiliza de maneiras diversas, inclusive com o anseio de expandir-se pela alteração do estado de consciência visando ao contato com o sobrenatural.

Diversas pesquisas epidemiológicas, já há algum tempo, mostram que este tipo de uso não escolhe situação sócio-econômica, iniciando-se cada vez mais cedo e por motivos como: curiosidade; alívio de tensões; influência de amigos/ auto-afirmação etc. (2, 4, 7, 8, 11, 13).

Nos dias atuais existe um consenso entre especialistas que, pela saturação progressiva dos serviços públicos de assistência em saúde, deve-se investir prioritariamente na instalação de uma

medicina mais preventiva que curativa. Em relação ao uso indevido de drogas e à situação de dependência química, enquanto possível consequência desse comportamento, a preocupação preventiva parece-nos também indispensável face aos diversos prejuízos legados pelas drogas, tanto ao indivíduo usuário quanto à sociedade na qual ele está inserido (3, 9, 10,12).

Todavia, apesar da prevenção ao uso de drogas ser uma preocupação relativamente antiga de especialistas na área, apenas em um passado recente é que pode-se observar, no Brasil, a implantação de políticas públicas estimuladoras de ações específicas e sistematizadas para a prevenção do uso indevido de drogas e da farmacodependência na família, na escola e no ambiente de trabalho (4, 6, 16).

Uma das intervenções sistematizadas que merece destaque é a sequência de levantamentos sobre o uso de drogas entre estudantes do ensino fundamental e médio na rede pública, realizados desde meados dos anos 90 por pesquisadores do Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID), programa da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) (7). Esses e outros estudos similares têm constatado que a abordagem do problema mediante palestras esporádicas e meramente informativas sobre o assunto, proferidas por especialistas externos à escola, deve ser substituída pela proposta de implantação de programas permanentes de prevenção ao uso indevido de drogas, conduzidos pela própria comunidade escolar devidamente assessorada por profissionais especializados

no assunto (11-13).

Atualmente sabe-se que programas de prevenção ao uso indevido de drogas devem ser permanentes e direcionados para adolescentes, fase da vida na qual em grande parte dos casos, ocorre o primeiro contato com psicoativos. As intervenções devem fundamentar-se não somente no fornecimento de informações científicas sobre os efeitos das drogas no organismo, mas, também, na oferta de alternativas para obtenção de prazer e no estímulo à adoção de uma vida saudável. A Escola constitui-se em um ambiente ideal para implantação de um serviço permanente de prevenção ao uso indevido de drogas, pois, na sua missão libertária de educar para a vida, colabora nos processos de compreensão e transformações sociais (11-13).

Nessa perspectiva e com o intuito de contribuir com os demais projetos preventivos e com a melhor compreensão das atividades desenvolvidas em projetos como esse, foi que o presente trabalho buscou avaliar as impressões detectadas durante o primeiro ano desse projeto que teve suas atividades fundamentadas em trabalhos e estudos precursores sobre o tema, como os apresentados anteriormente.

METODOLOGIA

O projeto foi desenvolvido de modo progressivo e em etapas, conforme descrito a seguir.

Inicialmente, a equipe executora com seis membros (1 professor, 1 aluno bolsista e 4 alunos voluntários) participou de um treinamento (20h)

em atualidades sobre os fundamentos da prevenção ao uso indevido de drogas. Em segundo lugar, elaborou-se o material didático (apostila, slides e exercícios) a ser utilizado no curso de capacitação com os professores da Escola, o qual foi dividido em cinco módulos com os seguintes temas: Introdução e padronização conceitual sobre drogas; Classificações das drogas; Diagnóstico dos usuários; Fatores de risco e de proteção associados ao uso de drogas; Etapas para implementação de um projeto de prevenção ao uso de drogas. Durante as reuniões da equipe, de treinamento interno, deu-se prosseguimento ao levantamento bibliográfico de informações científicas sobre o assunto, levantamento esse iniciado quando da elaboração do projeto e que durou todo o período de execução do mesmo.

Posteriormente, intensificou-se as idas à Escola a fim de prosseguir-se na definição de detalhes da política institucional em relação ao tema e realizar-se, de modo coletivo, o planejamento estratégico das ações subsequentes. Nesse momento, já foi apresentada uma proposta de reflexão sobre aspectos que iriam ser abordados de modo mais aprofundado durante o treinamento, a saber: questões ideológicas de atuação; a perspectiva de ação preventiva a ser usada; o(s) modelo(s) a serem empregados; a correlação do projeto com outros temas da juventude dentro de modelos educacionais mais amplos já adotados pela escola; a inserção do assunto “drogas” como tema a ser trabalhado na perspectiva de transversalidade pedagógica, além da necessidade que tínhamos em conhecer, embora

de modo preliminar, a experiência local em relação ao assunto através, por exemplo, de depoimentos dos funcionários e professores referentes a casos de alunos com uso indevido de drogas.

O curso de capacitação / formação sobre fundamentos da prevenção ao uso indevido de drogas, junto aos 18 professores e 3 funcionários voluntários, se deu em dois encontros semanais (segundas e quintas-feiras) no período de agosto a novembro de 2009. A equipe executora do projeto repassou, em linguagem e metodologias adequadas, o mesmo treinamento (20h) sobre fundamentos da prevenção ao uso de drogas, que recebeu no início do projeto, para os voluntários a participarem do comitê permanente de prevenção ao uso indevido de drogas (CEPD) na EMPA. Isso para que os mesmos se constituíssem como um grupo de referência sobre o assunto dentro da Escola, objetivando a viabilização das ações preventivas e constituindo-se, posteriormente, como o executivo desse programa de prevenção. As aulas foram expositivas com posterior debate estimulado pela resolução de exercícios, situações-problema e relatos de casos pelos participantes.

A avaliação do desempenho dos professores e funcionários da EMPA quando do curso de capacitação ministrado sobre os fundamentos da prevenção ao uso indevido de drogas foi feita mediante análise das frequências e através de um exercício de 15 questões que versavam sobre situações-problemas relacionadas ao tema. Dessas, onze questões eram de múltipla escolha, três eram pequenos textos a serem analisados criticamente e uma

demandava resposta discursiva.

Após esse treinamento, os professores, assessorados pela equipe do projeto, propuseram uma atividade aos alunos da 5ª a 8ª série do ensino fundamental na EMPA. Foi solicitado aos alunos que pesquisassem e coletassem recortes de notícias de jornais, revistas, entre outros, sobre o impacto social das drogas e que montassem um grande mural na Escola com tais notícias. Sugeriu-se aos alunos que usassem como critério para seleção desse material, aquilo que, na opinião deles, fosse o mais importante sobre o assunto ou o que os chamasse mais a atenção. Essa foi uma estratégia para avaliar-se, embora preliminarmente, a visão dos adolescentes a respeito do tema e de incentivá-los à efervescência na discussão sobre o assunto, favorecendo o diálogo entre os segmentos escolares e incentivando o adolescente a expressar seus pensamentos. Após uma semana de divulgação da atividade proposta aos alunos, feita pelo corpo docente da EMPA, viabilizamos uma programação para a observação do mural e apresentação oral de alguns trabalhos pelos alunos que se voluntariaram para tanto, na tarde do dia dois de dezembro de 2009.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante a vigência do projeto um dos principais aspectos discutidos internamente com a equipe e também quando da formação dos agentes multiplicadores, foi o fato de que a busca pela abstinência absoluta às drogas no nosso público-alvo é apenas um ideal utópico que deve

nos ajudar a seguir um caminho árduo. Entretanto, em momento algum, tal objetivo deveria ser agente causal de estresse e frustração se, porventura, mesmo após esforços sistematizados, um dos indivíduos alcançados viesse a usar drogas de modo problemático.

O mais importante sempre será trabalhar por um mal menor. Por exemplo, caso não seja possível evitar que um adolescente experimente alguma droga, deve-se buscar que ele não repita tal comportamento a fim de que seu padrão de uso não passe de experimental para frequente e, em casos mais graves, para compulsivo ou dependente. Essa percepção só nos é possível quando atentamos para a complexidade comportamental presente no uso indevido de drogas e na dependência química.

Um dos pontos de consenso entre a equipe e os educadores foi que, no combate ao uso indevido de drogas, a prevenção merece destaque em relação à repressão do comércio de drogas ilícitas e ao tratamento da farmacodependência. Isso pelo fato de que, ao trabalhar-se para evitar o início e/ou a progressão do uso de drogas, contribui-se para livrar o indivíduo de prejuízos à saúde física e mental, danos familiares e sociais, perdas financeiras, envolvimento criminais e de tantos outros malefícios associados às drogas, inclusive o principal de todos os males: a farmacodependência ou dependência química. Mereceu destaque entre os participantes a informação sobre o fato de que essa doença é atualmente entendida como um comportamento de busca ativa da substância química capaz de produzir efeitos agradáveis indutores da repetição

do uso resultando na perda do controle sobre a utilização da substância. Várias reflexões e relatos foram apresentados confirmando a noção de que se trata de uma patologia de etiologia complexa e ratificando a importância de critérios diagnósticos bem estabelecidos, como os preconizados pela Organização Mundial de Saúde (5, 10, 15).

Outro aspecto em que houve convergência de opiniões ao longo dos encontros da equipe com a comunidade escolar, foi o de que programas de prevenção ao uso indevido de drogas devem ser direcionados prioritariamente para adolescentes e jovens, fase da vida onde, na maioria dos casos, ocorre o primeiro contato com psicoativos e que tais programas devem fundamentar-se principalmente na oferta de opções de vida prazerosa e saudável e no fornecimento de informações científicas sobre os prejuízos causados pelo uso e/ou abuso destes produtos, pois, segundo a Organização Mundial de Saúde, a desinformação sobre os efeitos das drogas no organismo é um dos pontos no perfil do indivíduo mais propenso a usar tais produtos, apesar de que a informação sobre os efeitos de drogas não é garantia absoluta de proteção considerando-se os vários casos de uso de drogas por profissionais de saúde (1, 4, 6, 12, 14).

Percebemos certa perplexidade ao apresentarmos que uma das precauções quando da realização de atividades de prevenção ao uso de drogas é a de não nos deixarmos ser usados por manipulações ideológicas há muito tempo presentes em vários povos. Como exemplos, temos as campanhas antiálcool e antiópio dos EUA no final do século XIX.

Refletiu-se sobre o fato de que no Brasil percebe-se, já há bastante tempo, uma ênfase exagerada sobre os quantitativos dos malefícios sociais das drogas ilícitas contrapondo-se a uma inexplicável tolerância, por parte do governo e mídia, com o alto consumo e malefícios das drogas lícitas. Como catalisador dos debates, apresentamos que na concepção de alguns autores, a política de “guerra histórica às drogas ilícitas” seria apenas uma manifestação neoliberal da produção e manutenção de uma legião de excluídos. Isso pelo fato de que tais produtos, apesar de serem usados tanto por ricos quanto por pobres, seriam mais socialmente prejudiciais a esses últimos, os mais desprotegidos e impactados pelo envolvimento criminal (4).

Discutiu-se ainda a Escola, em especial a de ensino fundamental, como um ambiente ideal para ações de prevenção da farmacodependência em função de várias características, como por exemplo, o fato do aluno ali presente está na faixa-etária de maior risco para início do uso de drogas. Além disso, são adolescentes, momento da vida em que, em muitos casos, existe uma tendência em contestar tudo o que é socialmente estabelecido. Destacou-se também a necessidade de inserção social desses jovens, ou seja, de ser aceito pelo grupo ao qual gostaria de pertencer. Além disso, foi importante lembrar que a Escola é o ambiente onde o adolescente passa grande parte do seu tempo e ali deve estar ávido pelo novo, aberto ao aprendizado, disposto a canalizar suas efervescências pessoais para novas experiências que resultem em aprendizado (12).

No intuito de amenizarmos uma possível

ansiedade entre os educadores, diante de tantas possibilidades e responsabilidades que apenas se adicionam às cotidianas, inerentes ao magistério, enfatizamos alguns pontos.

Primeiramente, não cabe à escola toda a responsabilidade de evitar que os adolescentes iniciem o uso de drogas; ela é apenas colaboradora no processo. Essa instituição também não está preparada para efetuar tratamento de usuários problemáticos, pela falta de profissionais especializados. A realização de palestras e eventos similares apenas de modo esporádico e descontextualizado pode despertar curiosidade desnecessária e funcionar como uma “droga” para a direção da Escola e para os professores, “anestesiando” suas consciências, entorpecendo-os e tirando-os da realidade, dando a eles uma falsa sensação de dever cumprido e fazendo com que os mesmos se considerem isentos da responsabilidade de acompanhar mais de perto o aluno, oferecendo a este, formas alternativas de resolver eventuais conflitos e tensões pessoais (12).

Assim, apresentamos para análise crítica dos atores do processo, que, com a intenção de ajudar as comunidades escolares nesse tipo de abordagem, vários modelos de prevenção têm sido propostos ao longo dos anos pela experiência de executores de projetos semelhantes e pela reflexão dos teóricos no assunto (4).

Apesar das opiniões expostas terem sido concordantes com o fato de que não podemos afirmar que um modelo seja melhor que o outro, ficou bem claro o desejo dos educadores em participar ativamente da escolha sobre quais

seriam os modelos mais adequados para a realidade específica da EMPA; e, ainda, que tais modelos seriam apenas a coluna vertebral de um conjunto de ações sistematizadas de um programa de prevenção com a previsão de metas em curto, médio e longo prazo.

Uma das primeiras inquietações dos professores e gestores da Escola foi relacionada ao como fazer. Ao longo dos primeiros encontros, todos já concordavam sobre importância de abordar o tema de modo consistente e que muito progresso tem sido feito na construção dos fundamentos teóricos que nos permitem melhor compreender esse complexo comportamento de uso de drogas e drogadição. Todavia, diante de uma realidade de trabalho difícil, caracterizado por diversas deficiências (estrutura predial precária, falta de recursos didáticos, professores sobrecarregados etc.) a grande questão que nos foi posta, logo no início da execução do projeto foi: “de modo prático, o que pode ser feito?”

Isso nos permitiu ressaltar a importância de discutir, durante a capacitação com os agentes multiplicadores, cada uma das etapas atualmente sugeridas para programas dessa natureza. Os educadores receberam essa proposição, cientes de que a mesma não deveria ser entendida como uma receita mágica para o sucesso, pois, obviamente, cada instituição de ensino deve, conforme suas peculiaridades, desenvolver sua própria experiência. Inicialmente, a definição de uma clara política Institucional sobre o tema, depois, pesquisas epidemiológicas para um diagnóstico das peculiaridades do público-alvo em termos de uso de drogas; ações de sensibilização da

comunidade escolar à essa problemática, através de eventos informativos (jornadas, debates, palestras etc.) seguidos por treinamento de voluntários para formação de agentes multiplicadores. Ainda ressaltou-se a importância de se realizar atividades que permitam ao jovem expressar sua forma de compreender o problema do uso de drogas nos dias de hoje, através, por exemplo, de mostras artísticas e/ou culturais, bem como de concursos de cartazes e slogans além de estímulo à iniciação esportiva e ao empreendedorismo (12).

Simultaneamente aos encontros para capacitação dos educadores, realizados na EMPA, a equipe extencionista se reunia semanalmente, o que nos permitiu uma avaliação constante das ações desenvolvidas até o momento e fomentou discussões sobre as experiências vivenciadas. Tal prática foi fundamental não somente para um melhor andamento das ações desenvolvidas, mas, também, como recurso didático por propiciar que os alunos (bolsista e voluntários) integrantes da equipe, tivessem a oportunidade de rever planos e práticas e, após o sucesso dos redirecionamentos, aprender que o trabalho comunitário é uma via de duas mãos, de relações dialéticas, onde se aprende muito mais do que se ensina.

A grande maioria dos 21 educadores participantes obteve frequência igual ou superior a 80%, sendo que apenas 3 tiveram frequência de 60%. Desses 21 participantes da capacitação, 16 entregaram os exercícios devidamente respondidos. O desempenho, considerando-se as notas de 0 a 10, está exposto na Tabela 1.

Tabela 1. Distribuição percentual dos voluntários no curso de capacitação sobre prevenção ao uso indevido de drogas quanto à nota (de 0 a 10) obtida no exercício proposto.

NOTA	FREQUÊNCIA NUMÉRICA	FREQUENCIA %
< 5,0	0 (zero)	0%
5,0 – 6,9	10	62,5%
7,0 – 10,0	6	37,5%

Esse desempenho pode ser considerando satisfatório, posto que todos obtiverem um índice de acertos superior a 50%. Se focalizarmos no fato de que a maioria deles (62,5%) teve nota inferior a 7 (média mínima para aprovação em disciplinas de graduação da UFCG) poderíamos julgar que a aprendizagem foi deficitária, afinal, eles podem ter compartilhado conhecimento e/ou solicitado a ajuda de outras pessoas; pois não houve fiscalização durante as respostas. Todavia, se considerarmos que as questões foram as mesmas usadas pelo professor (coordenador do projeto) nas aulas de graduandos em medicina da UFCG, ao final do ciclo básico e que os professores da Escola, mesmo já sendo profissionais de nível superior, não tiveram uma formação específica sobre o assunto, cremos ser possível concluir que o desempenho deles foi, de fato, acima do esperado.

Em relação à atividade proposta aos alunos para a construção do mural com recortes de notícias sobre drogas (Figura 1), a avaliação tanto dos integrantes da equipe executora, quanto dos voluntários do CEPD da EMPA (professores e funcionários) foi muito positiva.

Pudemos observar que, durante os dias de preparação do referido mural, os alunos se

interessaram pela atividade, solicitaram a ajuda dos professores tanto em momentos específicos da pesquisa e da seleção do material quanto na hora de afixá-los em uma parede frontal ao pátio principal de Escola para construção do referido mural. Durante as exposições orais, feita por alguns alunos voluntários, percebemos que, apesar da timidez diante do grande público (quase todos os alunos do turno vespertino) o foco das preocupações dos adolescentes em relação ao tema reside em aspectos como efeitos biológicos das drogas; os riscos das drogas lícitas como álcool, tabaco e medicamentos e o medo de se perder a liberdade ao se ficar “viciado” em drogas.

Apesar de nosso trabalho na EMPA visar aos escolares do ensino fundamental, aproveitamos o ensejo para destacar (tanto durante as reuniões preliminares quanto durante a capacitação para os educadores) que os atores do processo devem estar atentos para detectarem oportunidades de trabalhar a mesma questão entre outros grupos próximos ao público-alvo, tais como: os próprios familiares dos alunos; estudantes do ensino médio e universitário; trabalhadores (inclusive professores e funcionários da mesma ou de outras Escolas) os

quais possuam algum risco de uso problemático de drogas. O estabelecimento de um ambiente fomentador de reflexões e discussões sobre o assunto não somente nos aproximou

das bases teóricas relacionadas ao tema, mas, sobretudo, nos estimulou ao estabelecimento de relações de tais pressupostos científicos com a realidade específica da Escola.



Figura 1. Visão dos alunos no pátio da EMPA durante a programação para apresentação do mural com recortes de notícias sobre drogas. Créditos: Mariz, S.R.

CONCLUSÕES

Após a análise dessa experiência apresentada, podemos concluir que projetos preventivos ao uso indevido de drogas no ambiente escolar, sobretudo em Escolas públicas, esbarram em certas dificuldades como a sobrecarga de atividades decorrente da redução progressiva dos quadros funcionais na educação

municipal. Isso nos foi apresentada como principal problemática para o estabelecimento de dias e horários que nos permitissem reunir todos os interessados (professores e funcionários) em tal atividade. Além disso, os voluntários em participar do projeto, ao final do turno, estavam sempre muito apressados, em via de se deslocarem para outra Escola, para um novo

redução salarial e perda de poder aquisitivo que os docentes, principalmente da educação básica, têm experimentado nos últimos anos. Uma das mais graves formas de desvalorização do magistério. Todavia, tais dificuldades nos pareceram passíveis de superação, pelo interesse e pela motivação dos sujeitos envolvidos no processo, principalmente pelos membros da equipe, professores, funcionários e diretores da instituição, além dos próprios alunos da Escola.

As ações descritas no presente artigo, ou seja, a capacitação sobre fundamentos da prevenção ao uso indevido de drogas para educadores da EMPA e a construção coletiva de um mural com recortes de notícias sobre drogas, pelos alunos da Escola, deixaram claro que o ambiente é propício à implantação de ações dessa natureza. Isso, não apenas pelo interesse de professores, funcionários e alunos pelo tema, como também pela clara necessidade que os mesmos têm de informações mais específicas e aplicadas às suas próprias vivências a fim de que possam melhor compreender a problemática do uso indevido de drogas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BARRETO LM. Dependência Química: nas Escolas e nos locais de trabalho. Rio de Janeiro: Qualitymark; 2000.
2. BAUS J, KUPEK E, PIRES M. Prevalência e fatores de risco relacionados ao uso de drogas entre escolares. *Revista Saúde Pública*. 2002; 36(1): 40-6.
3. BLECHA L, BENYAMINA A. Cannabis et troubles psychotiques. *L'information psychiatrique*. 2009 ; 85(7): 641-45.
4. CONTRIM BC. A prevenção ao uso indevido de drogas nas escolas. In: SEIDL EMF (org.) *Prevenção ao uso indevido de drogas: diga sim à vida*. v.1. Brasília: CEAD/UNB, SENAD/SGI/PR; 1999. Unidade 5, p 57 –67.
5. DUARTE CE, MORIHISARS. Experimentação, uso, abuso e dependência de drogas. In: *Prevenção ao uso de álcool e outras drogas no ambiente de trabalho: conhecer para ajudar*. Brasília: Secretaria Nacional Antidrogas, Serviço Social da Indústria; 2008. p.42-49.
6. DUARTE PAV, CRUZ DDO, TROIAN SML. Prevenção. In: *Prevenção ao uso de álcool e outras drogas no ambiente de trabalho: conhecer para ajudar*. Brasília: Secretaria Nacional Antidrogas, Serviço Social da Indústria; 2008. p.80-95.
7. GALDURÓZ, JFC, NOTO AR, CARLINI EA. IV Levantamento sobre o uso de drogas entre estudantes de 1o e 2o graus em 10 capitais brasileiras – 1997. São Paulo: UNIFESP; 1997.
8. INCB – INTERNATIONAL NARCOTIC CONTROL BOARD (Vienna). *Psychotropic substances: statistics for 1996*. New York : United Nations ; 1998.
9. KARILA L, LAFAYE G, REYNAUD M. L'addiction à la cocaine: de l'épidémiologie aux approches thérapeutiques. *L'information psychiatrique*. 2009 ; 85(7): 647-53.

10. LAQUEILLE X, LIOTK. Addictions: définitions et principes thérapeutiques. L'information psychiatrique. 2009 ; 85(7): 611-20.

11. MARIZ SR, CUTRIM MD, BRASIL VVL, SOUZA AL, NAZARENO NS, MARIZ JP, SILVEIRA LMS. Uso de drogas entre segmentos de uma comunidade universitária: suporte a um programa de prevenção. Revista de Ciências da Saúde Santa Maria. 2006; 1(1): 42-8.

12. MARIZ SR, MARIZ JP, VALOIS MEC, VAL EB. Fundamentos da prevenção ao uso indevido de drogas. Revista Cadernos de Pesquisa. 2003; 14(1): 69-87.13. MARIZ SR, BARROS MAC, MARIZ JP. O consumo de substâncias psicoativas por estudantes do ensino médio, em São Luís – MA (Brasil). Infarma. 2005; 17(5/6).

14. MEYER M. Guia prático para programas de prevenção de drogas. São Paulo-SP: Departamento de Saúde Mental do Hospital Albert Einstein; 2003.

15. MOREAU RLM. Fármacos e drogas que causam dependência. In: OGA S. Fundamentos de Toxicologia. São Paulo: Atheneu, 2008. p.231-240.

16. SENAD. Secretaria Nacional de Políticas sobre drogas. Prevenção: orientações gerais. Disponível em http://www.senad.gov.br/prevencao_tratamento/prevencao.html.

Recebido em: Agosto/2010

Aceito em: Dezembro/2010